

**KAINGÁNG NA CONQUISTA DA CIDADANIA:
ARTES KAINGÁNG EM IMAGENS**

Paulo Henrique C.M. da Silva, Talita Daniel Salvaro

Acadêmicos do Curso de História da UFSC

Ana Lúcia Vulfe Nötzold, Dra.

Professora do Departamento de História da UFSC (Coordenadora)

anotzold@cfh.ufsc.br

Resumo

Este artigo trata sobre o desenvolvimento do projeto “Kaingáng na Conquista da Cidadania: Artes Kaingáng em imagens” no qual foram desenvolvidas etapas que visavam registrar a metodologia de confecção do artesanato Kaingáng. Coleta, preparo e confecção dos artefatos foram etapas acompanhadas na aldeia Paiol de Barro na Terra Indígena Xapecó e registradas através de imagens fotográficas, visando o fortalecimento e a valorização da cultura indígena através das crianças.

Palavras-chave: Kaingáng, artesanato, imagem.

Introdução

O Laboratório de História Indígena - LABHIN da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC - desenvolve pesquisas e projetos em parceria com os Kaingáng da Terra Indígena Xapecó no oeste de Santa Catarina, desde o ano de 1999. O intuito dos projetos desenvolvidos em parceria com esta etnia é a produção de material didático-pedagógico que auxilie no ensino aprendizagem dos próprios Kaingáng e que também seja um diferencial para se trabalhar as questões indígenas nas escolas não-indígenas, visto que há pouco material sobre essa temática. Pensamos ser, a instituição escolar, um dos principais meios de propagar o conhecimento da cultura indígena, pois, quando visitamos as escolas, percebemos as indagações sobre o tema e também que muitas questões trazidas no livro didático devem ser desmistificadas em relação ao indígena.

Para os Kaingáng, fica o registro e a valorização de sua cultura, sendo esta divulgada e conhecida. É importante salientar que este projeto não foi imposto à comunidade Kaingáng, pois antes de encaminharmos qualquer estudo, consultamos os membros da comunidade para discutir o que pretendem priorizar no momento, portanto

este trabalho foi discutido e aprovado pelos Kaingáng, que sentiram a necessidade de registrar aspectos da sua cultura material.

No ano de 2006, tendo como prioridade a preocupação dos Kaingáng em registrar sua cultura material, elaboramos e tivemos aprovado o projeto de extensão “Artes Kaingáng em imagens”. Essa preocupação surge juntamente com as mudanças que os artefatos que compõem a realidade indígena vêm passando, principalmente após o contato com o não-indígena que se acentuou desde o final do século XIX e início do séc. XX. Esse contato fez a cultura não-indígena adentrar o dia-a-dia das famílias e estas foram se adaptando aos objetos de uma cultura diferente. Outros fatores como o desmatamento contribuíram para que as práticas de confecção dos objetos fosse decrescendo, pois muitas matérias-primas também foram desaparecendo. Além do mais, a facilidade em obter um objeto não-indígena fez com que essa sociedade começasse a utilizar os objetos não-indígenas como, por exemplo, em vez de usar uma panela de argila que demanda tempo e habilidade para ser feita, começaram a utilizar a panela de ferro, que tem uma durabilidade maior.

Essas mudanças são compreensíveis e naturais, pois a cultura é dinâmica e ao longo do tempo se transforma e se adapta de acordo com as necessidades de cada povo, porém, segundo Viera (2004), os indígenas concebem a arte como forma de identificação e, mesmo que os objetos tenham passado por modificações, ainda representam símbolos de identidade étnica. O artesanato é uma representação cultural desta comunidade, pois, mesmo que não seja praticado por grande parte dos indivíduos, é um fator de identidade étnica e de afirmação do povo como podemos verificar na fala do Professor Jovelino, professor do EJA – Educação de Jovens e Adultos - da Escola Indígena de Ensino Fundamental Paiol de Barro – E.I.E.F.P.B. Segundo ele, o artesanato é importante porque é a história que faz parte da cultura Kaingáng, é um meio de estar assim produzindo para a sobrevivência, para a utilização da família.

A tradição do conhecimento indígena que é passada de geração a geração, através da oralidade, está diminuindo, os velhos estão morrendo e com eles o conhecimento da tradição. Por isso, pensamos em registrar um dos principais aspectos desta cultura que é o artesanato, para que assim pudéssemos contribuir na revitalização da cultura material Kaingáng.

Sendo assim, foi através da escola indígena que pensamos e aplicamos os projetos, visando integrar a instituição escolar com os alunos, professores e membros da comunidade. A escola é parte essencial da vida da comunidade, sendo porta voz e fonte de conhecimento e informação. Os artefatos confeccionados fazem parte da vida de cada família e da comunidade em geral e compõem o currículo diferenciado dessas escolas, pois, com a promulgação da Constituição Federativa do Brasil de 1988, os indígenas tiveram garantido seus processos próprios de aprendizagem e, através de um currículo específico, contemplam disciplinas como a língua materna, memória histórica, identidade e aulas de artesanato.

Para entendermos o que é cultura, partimos das duas concepções básicas levantadas por Santos (1994), a primeira concepção remete a todos os aspectos de uma realidade social, aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação, a segunda refere-se mais especificamente ao conhecimento, as idéias e crenças de um povo. A cultura material dos povos indígenas se encaixa nestas duas colocações, porque os artefatos produzidos por estes compreendem toda a vida da sociedade, fazendo parte do seu dia-a-dia e expressa o conhecimento do grupo.

A partir destas concepções, passamos ao termo cultura material, o qual entendemos como parte significativa da identidade indígena, pois mantém a tradição do povo, simbologias e significados próprios da comunidade que são inseridos no estilo do trançado, das cores e formas. Segundo Vieira (2004), a cultura material é a produção de objetos a partir da matéria-prima, cada grupo étnico produz objetos semelhantes de forma e simbologia diferentes.

O estudo da cultura material e das artes nas sociedades indígenas nos diz muito sobre o modo de vida nestas sociedades e permite que conheçamos não somente suas singularidades, mas também aquilo que compartilham umas com as outras e que as distingue das outras sociedades. Antigamente o artesanato era voltado para o grupo que o confeccionava, com sentido utilitário, como o cesto para colocar alimentos, o arco e a flecha para caçar. Atualmente é confeccionado por algumas famílias e voltado para o comércio, servindo como fonte de renda. O comércio se faz importante, no entanto, ele atinge a confecção do artesanato, o que resulta em perda da sua qualidade, devido a produção em maiores quantidades; conseqüentemente, ocorre extinção da matéria-

prima, além disso, há a interferência nos objetos sagrados que também são vendidos, todavia é uma fonte de renda para os indígenas.

Como o ensino na sociedade indígena é passado através da oralidade, nosso trabalho centrou-se nos professores e pessoas da comunidade que trabalham com artesanato, juntamente com as crianças do Ensino Fundamental de 1ª a 4ª série, para que esses alunos pudessem acompanhar os mais velhos e aprenderem um pouco de sua cultura. Objetivamos assim registrar, por meio de imagens fotográficas, as etapas da metodologia utilizada na confecção do artesanato (coleta, preparo e confecção) e, principalmente, despertar nas crianças a valorização da cultura Kaingáng.

As imagens, juntamente com textos produzidos através de leituras complementares e das entrevistas realizadas com a Metodologia de História Oral, compõem um livro que servirá como material didático diferenciado, que atenda às especificidades da história e cultura Kaingáng, proporcionando este conhecimento para os indígenas e não-indígenas, pois os exemplares dos livros são distribuídos nas escolas e bibliotecas, possibilitando que os professores tenham um material diferenciado para trabalhar a questão indígena dentro da sala de aula.

Nossos objetivos específicos foram os seguintes:

- 1) coletar, preparar, confeccionar, pesquisar e organizar material sobre as aulas de Artes Kaingáng;
- 2) fotografar e organizar a publicação, em forma de livro, sobre os passos e metodologia utilizada nas aulas de Artes Kaingáng;
- 3) revitalizar a prática da coleta e confecção de artesanatos;
- 4) promover a inclusão social e cultural dos Kaingáng;
- 5) valorizar a cultura e as práticas indígenas a partir de um estudo etno-histórico comparativo das práticas culturais atuais;
- 6) reforçar os traços culturais e de memória da comunidade Kaingáng;
- 7) realizar entrevistas de História Oral com os velhos da comunidade indígena visando preservar a memória do grupo;
- 8) desenvolver, nas crianças Kaingáng, a auto-estima a partir do conhecimento de sua história trabalhada com a memória dos mais velhos;

9) diminuir a distância entre índios e não-índios com a divulgação da cultura indígena.

Conhecendo a Aldeia Paiol de Barro

A Terra Indígena Xaçecó (TIX) localiza-se no oeste de Santa Catarina, entre os municípios de Entre Rios e Ipuacú. Conforme Nötzold (2003), possui uma área de 15.600 hectares, com uma população majoritária Kaingáng e um pequeno grupo Guarani. Essa área é dividida em aldeias, uma delas é Paiol de Barro, que pertence ao município de Entre Rios e é composta por cerca de 140 famílias. Cada família tem mais ou menos 3 ou 4 pessoas. Essa aldeia vive da agricultura, de artesanato e de empregos em empresas dos municípios mais próximos. Apenas em setembro do ano de 2006 algumas casas foram contempladas com energia elétrica e muitas outras ainda esperam ser atendidas.

A aldeia tem como nome Paiol de Barro, pois, segundo o professor Carlos Kögren (2006), o Sr Major, uma das pessoas mais velhas da comunidade lhe disse que esse nome foi atribuído à aldeia, porque tinha um paiol feito de barro pelos Guarani e então ficou o nome. Esses Guarani saíram dessa área devido a chegada de alguns Kaingáng e hoje moram numa aldeia próxima, chamada Limeira, dentro da TIX.

A escola foi criada em 1985, onde, segundo o senhor Valdevino de Oliveira Belém, técnico em enfermagem da Unidade de Saúde Paiol de Barro,

era muito distante para estudar na Fazenda São José, mais ou menos 7 Km então foi ampliado um galpão na escola da Linha Matão que fica a 3 Km dali e no ano de 1985 foi feito um levantamento do número de alunos e então foi criada uma extensão da Escola da Aldeia Matão, na Comunidade de Paiol de Barro, através de uma Lei aprovada na Câmara Municipal de Vereadores de Xaxim, que criou a escola de 1ª a 4ª séries, isso foi em 1985¹

Nessa época, não havia professor indígena, portanto, segundo o senhor Belém, as duas professoras vieram de Entre Rios,

na época Entre Rios pertencia a Xaxim e elas vieram de lá dar aula aqui, umas dela veio morar, a comunidade indígena através da liderança preferiu que uma professora viesse morar dentro da aldeia, ela morou e deu aula aqui aproximadamente uns 10 a 12 anos, essa professora que veio morar aqui todo esse período dava aula².

¹ BELÉM, Valdevino de Oliverira. **Entrevista concedida a Ana Lúcia Vulfe Nötzold e Talita Daniel Salvaro**, em 20/09/2006, Aldeia Paiol de Barro, Terra Indígena Xaçecó.

² Idem.

Essas professoras chamavam-se Maria Terezinha dos Santos e Raquel Outeiro. A atual escola foi inaugurada em 28 de maio de 2005, numa atividade solene que contou com a presença das autoridades da região, motivo de muito orgulho para os moradores da comunidade indígena, haja vista que era algo almejado há muito tempo. A atual expectativa é que seja implantado o Ensino Fundamental Completo e, assim sendo, os concluintes da 4ª série não precisarão deslocar-se até as cidades vizinhas para continuarem seus estudos para garantir a continuação do ensino bilíngüe e da cultura Kaingáng. Atualmente, a escola conta com 35 alunos na educação infantil, 104 alunos no ensino fundamental de 1ª à 4ª séries e 38 alunos na Educação de Jovens e Adultos.

Material e Métodos

Para a realização deste projeto, partimos de duas abordagens: uma preocupada em possibilitar uma visão geral da trajetória e implicações históricas decorrentes do contato da comunidade indígena com a sociedade não-indígena e outra, aproveitando-se dessa visão geral, com enfoque em temas específicos a respeito da produção, confecção e reelaboração de artesanatos e utilitários indígenas. Foram estudadas, observadas e abordadas questões referentes aos seguintes processos:

- a coleta;
- o preparo da matéria-prima;
- a confecção do artesanato;
- a reelaboração e adaptação aos recursos naturais disponíveis frente às suas necessidades decorrentes do avanço de centros urbanos e conseqüentemente a escassez e falta de matéria-prima;

Com os recursos naturais extraídos da mata, os Kaingáng confeccionaram os artesanatos que foram fotografados e sistematizados em forma de livro com o histórico dos objetos e as diferentes etapas do processo de confecção.

As etapas para registro das imagens foram realizadas durante uma semana de saída de campo na Aldeia Paiol de Barro, na qual acompanhamos as atividades que resultaram na confecção dos artesanatos. Ficamos acomodados em uma sala de aula da escola, que é a nossa porta de entrada para o desenvolvimento dos estudos. A saída de campo é um diferencial para os bolsistas, pois possibilita um maior contato com a

realidade indígena, sendo um dos instrumentos utilizados pelo historiador, complementando a formação acadêmica.

Optamos em trabalhar com imagens, pois pensamos ser o artesanato, muito mais perceptível através de fotografias, portanto, concordamos com Burke (2004) que uma vantagem particular do testemunho de imagens é a de que elas comunicam rápida e claramente os detalhes de um processo complexo. Estávamos cientes, ao utilizar a iconografia como fonte, de que esta possui percalços como qualquer outra metodologia e cuidados a serem tomados, pois se deve entender quem tirou o retrato, qual a finalidade, qual o contexto. As imagens não são utilizadas como mera ilustração e sim como evidência histórica do tema trabalhado, visto ser a imagem uma fonte histórica, Burke (2004) assinala que imagens, assim como textos e testemunhos orais, constituem uma forma importante de evidência histórica. Partindo desse pressuposto, essas imagens têm como objetivo facilitar a compreensão da metodologia utilizada pelos artesãos durante o processo de confecção dos artefatos.

As imagens contidas no livro foram obtidas pelos bolsistas e coordenadora do projeto e têm como única finalidade demonstrar a metodologia de confecção dos artefatos e visualizar os objetos. As fotos eram coloridas e, após realizarmos uma seleção das melhores, passamo-las para a cor sépia, pois pensamos que ficaria mais adequado, devido ao custo na impressão do livro e porque uma cor neutra chamaria atenção. Algumas fotos foram tratadas no photoshop, trabalho este realizado no LABHIN, juntamente com toda a arte gráfica do livro.

O trabalho foi feito em parceria com os alunos de 1ª a 4ª série da EIEFPB juntamente com os professores e colaboradores da comunidade, como as senhoras Carolina, Ivete e Ivone. Os textos contidos no livro privilegiam a memória, através de entrevistas, pois concordamos com Le Goff (1992) que o estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história. Além do que, ao ler o livro, os indígenas identificam-se nas suas falas e sentem-se valorizados, ao saberem que não são objetos de estudos e sim participantes do processo e do fazer histórico, como sujeitos.

A coleta foi a primeira etapa do projeto, por isso o primeiro passo foi ir até a mata colher as matérias-primas necessárias para a confecção dos artesanatos. As crianças mostraram-se interessadas e o que mais nos chamou atenção é que elas tinham

conhecimento das plantas, um conhecimento que não era colocado em prática, pelo fato de muitos pais não saberem fazer artesanato, e assim, o ensino não se estende aos filhos. Acompanhamos a retirada da matéria-prima, que foram as seguintes: taquaruçú, cipó guabiroba, cipó guambé, lençilinha.

Antigamente, a coleta era praticada pelo casal de artesãos. Eles iam cedo para o mato, faziam a coleta da matéria-prima, e voltavam antes do meio dia para iniciarem a confecção do artesanato à tarde. O fato de fazer o preparo do artesanato no mato, devia-se à facilidade na hora do transporte e também para não retirar da natureza mais que o necessário, deixando os restos, as cascas, as lascas, os fiapos. Atualmente, eles utilizam instrumentos que facilitam o corte das plantas necessárias para a confecção dos artefatos e mantém o mesmo respeito à natureza.

O preparo desse material foi iniciado na mata, onde foram retiradas algumas folhas e farpas, logo em seguida retornamos à escola, para dar início à segunda etapa, como mostra a figura 1.



Figura 1: Professor e alunos retornando a escola depois da coleta da matéria-prima.

O preparo da matéria-prima coletada é a segunda etapa do processo que culminará na confecção dos objetos. O processo para o preparo de cada matéria-prima

se diferencia e assemelha-se em algumas etapas, portanto, observamos como acontecia o processo em cada uma delas.

Esta etapa começou já no dia da coleta, quando a taquaruçú foi cortada para a retirada da água e logo dividida em partes para secar ao sol, do cipó guambé foi retirada a casca que serve para adornar os objetos e o miolo foi cortado para também ir ao sol. As outras matérias-primas também foram cortadas, raspadas, destaladas, secas e tingidas, deixando a forma natural em que se encontravam na natureza e transformando-se em material utilizado na produção de cestos, arcos, flechas, tuias, pulseiras, anéis, balaios e muitos outros artefatos. Na figura 2, podemos perceber o preparo do cipó guambé.



Figura 2: Preparo da matéria-prima, destalando cipó guambé.

Para colorir as talas de taquaruçú ou cipó guambé eram utilizados produtos naturais. A cor preta era extraída através do carvão de pinheiro queimado e aferventado na água junto com as talas de taquara. A cor avermelhada era obtida através do cipó guabioba. Estas eram as principais cores utilizadas pelos Kaingáng, pois representam as cores das marcas tribais desta etnia. Essas marcas são o Kamé e Kairu, que fazem parte do mito de origem do povo Kaingáng. Kamé é representado por um traço preto e Kairu por uma bolinha vermelha, sendo a base social de sua organização. Hoje, devido à

falta dos produtos extraídos da natureza, eles utilizam corantes como a anilina, além do fato de as cores serem as mais diversas e não possuírem uma simbologia, servem para chamar a atenção e destacar a beleza, dizem os Kaingáng, assim como a professora de artesanato Maria Librantina que “a anilina nunca vai ficar de fora, pois torna o objeto mais bonito”³.

A terceira etapa no processo da produção dos artefatos é a sua confecção. Nesta, as matérias-primas que foram coletadas e preparadas são utilizadas de várias formas, resultando em objetos como: cestos, tuias, balaios, arcos, flechas, pulseiras e anéis. Ao trançar um artefato, as mulheres, que falam a língua Kaingáng, dizem algumas etapas na sua língua materna, como: Mũnỹ kre fyj jé (Vamos trançar), Mũnỹ gu nim jé (Vamos fazer o fundo), Mũnỹ tãg fyn jé (Vamos erguer o cesto), Mũnỹ fĩn jé (Vamos arrematar), Mũnỹ ti kri tá han jê e kỹ tóg kar jẽnh mũ (Vamos fazer a tampa e assim ficará pronto).

Esta foi a última etapa e a que mais demandou tempo e prática. As crianças, mesmo não sabendo fazer os artefatos, pegavam a matéria-prima e prestavam atenção nos adultos, produzindo seu próprio artesanato. Os mais velhos começavam o trançado e chamavam as crianças para continuar como mostra a figura 3.

³ CAMPOS, Maria Librantina. **Entrevista concedida a Talita Daniel Salvaro**, em 22/03/2005, Terra Indígena Xapecó.



Figura 3: Aluna aprendendo a trançar um cesto.

Parte dos objetos fotografados para o livro foi obtida nesta saída de campo, porém, outros precisaram de mais tempo devido à época para a coleta da matéria-prima. A figura 4 mostra os artefatos confeccionados nesta saída de campo, juntamente com alguns dos colaboradores.



Figura 4: Prof. Carlos, Ivete, D.Carolina, Profa. Ivone e Prof. Valdecir, colaboradores nas etapas de confecção dos artesanatos.

Resultados e Análise

Este projeto tem como resultado final um livro que contém fotografias e textos sobre o artesanato Kaingáng. Para a comunidade Kaingáng, o desenvolvimento do projeto foi muito significativo, pois terão mais um material didático diferenciado e específico que auxilie nas suas aulas. É muito importante para eles que sua cultura seja registrada, visto que as mudanças são cada vez mais rápidas. Surgiram alguns contratempos em relação aos períodos específicos para o desenvolvimento do projeto que teve uma vigência menor. Como nosso principal foco era a coleta e o preparo de matéria-prima para a confecção do artesanato, em algumas ocasiões, nossos planos não saíram conforme planejamos, pois é preciso seguir a época adequada para a coleta da matéria-prima ou, do contrário, corre-se o risco de ver todo o material deteriorar-se. Esses fatores, que independem de nossa vontade, fizeram com que algumas etapas fossem prejudicadas no seu desenvolvimento e, para que pudéssemos trabalhar a contento, tivemos que fazer mais saídas à aldeia do que planejamos inicialmente, acarretando certo atraso na finalização do livro que está na fase final, faltando apenas correções referentes à parte gráfica.

Nosso projeto de extensão é uma continuação de outros projetos, portanto, sempre almejamos, mesmo que de forma tímida, atingir o ensino, pesquisa e extensão. Como já mencionado, procuramos atingir a comunidade, seja ela o entorno da Terra Indígena Xapecó onde há ainda muito preconceito em relação aos indígenas e sua cultura ou a comunidade em geral que nós possamos atender, divulgando e distribuindo o material produzido, para que o conhecimento seja compartilhado. Os membros da comunidade Kaingáng são co-autores deste projeto, por isso, lançamos os resultados do projeto em forma de livro, na Terra Indígena Xapecó. O trabalho foi apresentado em encontros, como o Congresso Brasileiro de Extensão Universitária-CBEU, que foi realizado em outubro de 2006 no campus da UFSC.

Considerações Finais

Esse Projeto de Extensão, além de envolver atividades de pesquisa junto aos Kaingáng, permitiu aos membros da comunidade indígena, professores, alunos, idosos e lideranças, sentirem-se sujeitos da história, ajudando-nos e sendo parceiros em todas as etapas das atividades, seja decidindo os rumos do projeto, o público a ser atingido e as etapas seguintes. Essa atividade garante tanto a permanência da Universidade na Terra Indígena, com os acadêmicos do LABHIN, como a vinda de membros da comunidade indígena até a UFSC, que realiza, mesmo que modestamente, a inclusão social dessa comunidade.

Pretendeu-se colaborar para diminuir a distância existente entre indígenas e não-indígenas e divulgar o conhecimento da cultura Kaingáng como também de outros povos, principalmente através das escolas e alunos, visando esclarecer aspectos pertinentes a essa sociedade.

Referências

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru/SP: EDUSC, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 2. ed. Tradução Bernardo Leitão. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1992.

NÖTZOLD, Ana Lúcia Vulfe. **Nosso Vizinho Kaingáng**. Editora da UFSC: Florianópolis, 2003.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

VIEIRA, Edna Elza. **Simbolismo e reelaboração na cultura material dos Xokleng**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2004. 112 f.